

Bibliotecas digitais

FRANCISCO BETHENCOURT

A digitalização de documentos avulsos e livros, se for feita de uma forma sistemática e coerente, por exemplo em torno de uma área temática, pode conduzir à constituição de uma biblioteca virtual. O suporte electrónico, dadas as suas características – capacidade de armazenamento, possibilidade de transferência, transmissão à distância, portabilidade e acesso –, pode disponibilizar centenas de milhares ou mesmo milhões de páginas de texto. As vantagens são evidentes:

- a) redução do espaço ocupado por essa informação, que equivaleria a quilómetros de estante em suporte de papel;
- b) democratização do acesso, dada a redução dos custos;
- c) ampliação do público-alvo, pois se essa biblioteca virtual for acessível directamente através da Internet pode ser consultada a partir de qualquer país no mundo.

Existem grandes projectos internacionais para a constituição deste tipo de bibliotecas, como a *Bibliotheca Universalis*, patrocinada pelos países do G7, na qual a nossa Biblioteca Nacional também participa. Esse projecto visa a constituição de uma espécie de colecção digital, em *full text*, das grandes obras produzidas pela humanidade ao longo dos séculos. Existem igualmente projectos nacionais, organizados em torno da literatura e da história, nomeadamente o *American Memory*, gerido pela Library of the Congress, que tem conhecido réplicas em diversos países, nomeadamente em França e em Espanha. Em Portugal lançámos em 1997 na Biblioteca Nacional, sob a coordenação do Prof. Ivo Castro, o projecto da *Biblioteca Virtual dos Autores Portugueses*, que veio a ser distribuída de forma massiva em Junho de 1998 aos leitores do *Diário de Notícias* em CD-ROM. Estão aí contidas centenas de milhares de

páginas de texto com mais de trinta obras básicas da literatura portuguesa, que custaram aos leitores apenas 1200\$00. Trata-se de um processo de democratização radical do acesso à cultura que não foi devidamente avaliado pelos conhecidos «analistas».

Estes grandes projectos têm vindo a ser desenvolvidos, em todos os países, através de uma cooperação estreita entre bibliotecas e universidades, embora com modalidades diversas. A *Electronic Library*, no Reino Unido, está a ser desenvolvida directamente pelas universidades, devendo ser disponibilizada através da rede de bibliotecas, enquanto a *Digital Library*, nos Estados Unidos, obedece a uma maior articulação entre os dois tipos de instituições. Neste último caso verifica-se uma maior intervenção das bibliotecas na organização de projectos, bem como na encomenda da produção intelectual e científica. Dir-se-ia que as bibliotecas assumiram plenamente o seu estatuto de intermediário privilegiado entre a criação de produtos electrónicos em diversas áreas do saber e o público consumidor. As bibliotecas constituem-se, neste caso, como agências que conhecem as tendências e os gostos do público leitor, orientando a própria pesquisa. A sua capacidade de disponibilização dos produtos electrónicos através das suas redes internas e externas, facilitada pela normalização biblioteconómica e pelo protocolo de comunicação entre bibliotecas a nível internacional, faz com que o agente distribuidor tenha um papel decisivo na própria definição dos conteúdos. Esta é uma nova tendência que seria impensável há trinta ou quarenta anos atrás, quando as bibliotecas se reduziam, na maior parte dos casos, ao estatuto de depósito e consulta de livros. Agora são estruturas que intervêm directamente na própria produção criativa.

As grandes bibliotecas têm agora condições para articular projectos ou conceber, de raiz, projectos conjuntos. O fenómeno da globalização tem o seu reflexo imediato no mundo das bibliotecas: não estamos a falar apenas da *Bibliotheca Universalis*, pois existem grandes projectos entre a *Library of the Congress* ou a *New York Public Library* e as grandes bibliotecas europeias, nomeadamente sobre a emigração para o Novo Mundo ou sobre o Plano Marshall. Para além disso, as bibliotecas com maiores recursos financeiros têm possibilidade de produzir projectos piloto em áreas inovadoras, como no caso da *San Francisco Public Library*, a qual desenvolveu bibliotecas virtuais em torno da literatura latino-americana, dos *Gay and Lesbian Studies* ou dos *Black American Studies*. Trata-se de uma resposta rápida a novas tendências de pesquisa e novas necessidades de informação do público leitor.

A transformação da natureza das bibliotecas, que passaram de depósitos de livros a entidades gestoras de informação, onde quer que ela exista no mundo, bem como a estruturas criativas de produção de conhecimentos, decorre do seu posicionamento na nova sociedade da informação. Quando a explosão do conhecimento ocorreu nas últimas décadas, as bibliotecas eram as únicas estruturas capazes de fazerem a catalogação, a classificação e a indexação dessa enorme massa de textos. Numa palavra, as bibliotecas puderam introduzir a ordem no caos informativo, com a vantagem de estarem integradas em associações com projectos comuns que tinham conduzido à normalização internacional dos procedimentos indicados. Foram estes organismos que permitiram tirar o máximo de rentabilidade do *boom* de conhecimento, tornando eficaz a multiplicação da informação em todo o mundo.

Esta é a vertente «cor-de-rosa» do papel das bibliotecas e das vantagens da sua intervenção na produção digital. Mas interessa abordarmos aqui os problemas, tanto técnicos como intelectuais, que essa intervenção levanta. Os problemas técnicos têm a ver com a possibilidade de proceder, ou não, a uma digitalização directa das colecções existentes nas bibliotecas, em lugar de se continuar com os projectos de microfilmagem. Como se sabe, as bibliotecas conhecem fortes problemas de preservação e conservação das espécies em suporte tradicional que possuem em depósito, cuja constante manipulação destrói as encadernações e o próprio papel. As colecções de periódicos do século XIX, por exemplo, constituem um quebra-cabeças, pois trata-se do papel mais frágil e quebradiço. Daí a necessidade de um forte investimento em microfilmagem, que deveria ser concentrado num projecto de âmbito nacional que envolvesse diversas bibliotecas. As vantagens são claras: reprodução dos microfilmes e disponibilização de cópias em diferentes bibliotecas; conservação dos originais, cujo estado, em muitos casos, já está bastante deteriorado. A pergunta que se coloca é se a digitalização directa não seria mais económica. Infelizmente, ainda não é. A Library of the Congress tem uma estimativa dos custos médios dos três grandes processos de preservação e conservação disponíveis neste momento: desacidificação, microfilmagem e digitalização. Esses custos progridem na ordem de 1 para 6, sendo a microfilmagem ainda um processo bastante mais barato que a digitalização.

As razões dos elevados custos da digitalização são compreensíveis:

- a) o processo exige mais mão-de-obra e mais qualificada;
- b) ao contrário do que acontece com a microfilmagem, não se

trata apenas de «bater a chapa», a operação exige uma manipulação posterior, por *software*, das imagens, para que elas sejam reconhecidas e disponibilizadas;

- c) o espaço de armazenamento exigido aumenta exponencialmente quando estão em jogo imagens e não apenas texto.

Mas os problemas não são apenas de custos, são também técnicos:

- a) ainda não existe uma estabilização e normalização do *software* disponível;
- b) a capacidade de resolução das câmaras digitais, apesar dos desenvolvimentos recentes, ainda não atingiu a qualidade das câmaras convencionais;
- c) os suportes electrónicos existentes neste momento só garantem dez a quinze anos de vida, ao contrário dos microfilmes, que prevêm uma longevidade de centenas de anos, se forem respeitadas as condições requeridas de temperatura e humidade para a conservação dos originais em saís de prata.

Naturalmente que uma boa parte destes problemas técnicos poderá ser resolvida a curto prazo, mas é necessário ter em conta as experiências e as opções tomadas nos países mais desenvolvidos antes de se fazer um investimento massivo em programas de digitalização. A manutenção de vários sistemas para diferentes fins – desacidificação, encadernação, microfilmagem e digitalização – parece ser, a curto e médio prazos, a melhor aposta. A digitalização para projectos especiais, como aconteceu com a *Biblioteca Virtual dos Autores Portugueses*, constitui uma opção sólida, que permite criar *know how* e manter uma estrutura actualizada, capaz de dar o salto para um processo de massificação logo que existam as condições técnicas e materiais necessárias.

Os problemas intelectuais suscitados pelos projectos de digitalização têm a ver com o risco de fixação de conhecimentos e de cristalização de novos «cânones». Com efeito, a selecção de literatura latino-americana para a criação de uma biblioteca virtual nessa área pode concentrar as atenções num determinado conjunto de autores, deixando outros de lado que não são menos importantes. O poder de difusão deste «cânone» não é negligenciável, pois os estudantes e curiosos de determinadas áreas do saber dirigem-se de imediato aos *sites* disponíveis, procurando a informação mais acessível para trabalhar de imediato nos textos propostos. Poder-se-ia dizer que as antigas colectâneas de textos, nomeadamente aquelas que todos nós utilizámos no ensino secundário, tinham o

mesmo efeito. Mas a verdade é que o poder da informação na época digital é completamente diverso: nós desconfiávamos das ditas «selectas» e procurávamos as bibliotecas justamente para nos «perdermos» na busca de autores não canónicos. Era justamente esse o sentido de uma cultura humanista que existia subterrânea à escola, desconfiada da instituição. As bibliotecas constituíam então um espaço de liberdade, de conhecimento alternativo, embora o caso português não seja o mais significativo, dada a existência de censura durante dezenas de anos e dada a falta de recursos financeiros para apetrechar convenientemente essas mesmas estruturas. Hoje em dia temos bibliotecas que destroem uma parte dos seus fundos antigos para adquirir obras recentes em sectores «de ponta» ou seja, da moda, cuja perenidade é sempre impossível de prever. Isto aconteceu na San Francisco Public Library, fenómeno que levantou uma forte polémica na imprensa e conduziu à demissão do director. Esta situação constitui um elemento de encorajamento face ao risco de cristalização de novos conhecimentos: existe, como se verifica, uma opinião pública forte em certos países que evita ou castiga estes casos extremos. Para além disso, a velocidade de actualização das bibliotecas virtuais cresce de dia para dia, constituindo-se como espaços abertos a sugestões. Por último, as bibliotecas de livre acesso, que devem caracterizar a rede universitária de qualquer país, permitem a correcção de eventuais «cânonos» que se queiram introduzir.

A última palavra é, por tudo isto, de optimismo face às virtualidades e à boa utilização das bibliotecas digitais. Os problemas técnicos terão tendência a ser resolvidos no futuro próximo, criando novas alternativas para as estratégias de preservação e conservação, bem como para a sistematização, disponibilização e produção do saber. Os problemas intelectuais serão igualmente ultrapassados, dado o crescimento exponencial das bibliotecas de livre acesso com fortes recursos financeiros, bem como o desenvolvimento de uma dinâmica de actualização permanente e ruptura dos conhecimentos constituídos. As bibliotecas verão o seu papel reforçado nesta sociedade da informação, embora no caso dos países que dedicam menos recursos a estas áreas, como o nosso, se torne indispensável um debate público sobre uma área essencial de desenvolvimento estratégico.